

A POTÊNCIA DAS METODOLOGIAS ATIVAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM AUTISMO¹

Alexandra Pimentel Martins Miranda

Gabriela de Souza Pydd

Renata Santos Bitencourt

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo investigar se as metodologias ativas têm de fato como permitir ao aluno dos anos iniciais (educação infantil e fundamental I) que as suas habilidades e competências sejam desenvolvidas integralmente já que estudos mostram que crianças com TEA aprendem de forma mais efetiva quando a metodologia de ensino reforça seus gostos e habilidades, despertando interesse e desenvolvimento sua independência e protagonismo. Ele destaca a importância das metodologias ativas no contexto do autismo, enfatizando seu papel como ferramentas essenciais para aprimorar as habilidades únicas de cada aluno.

Ele explora a jornada desafiadora de educar crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando que superar desafios relacionados a esse transtorno é tão significativo quanto transmitir conhecimentos específicos de disciplinas. As metodologias ativas podem trazer benefícios ao aluno com TEA, pois permite que o processo de aprendizado seja mais envolvente e se adapte às necessidades de cada aluno, além de desenvolver a sua autonomia. O comprometimento contínuo dos educadores, aliado à colaboração com profissionais e à compreensão profunda das necessidades individuais, é essencial para criar um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo e transformador.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, Metodologias Ativas, Educação Inclusiva.

Abstract:

This research investigates the effectiveness of active methodologies in fostering the comprehensive development of skills and competencies in early years students, encompassing preschool and elementary education. Drawing upon studies indicating that children with Autism Spectrum Disorder (ASD) exhibit enhanced learning outcomes when instructional methods align with their preferences and abilities, the study explores the role of active

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação, Filosofia e Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial à obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia. Orientadora: Milena Colazingari da Silva

methodologies as vital tools to cultivate independence and protagonism while catering to the unique needs of each student.

Emphasizing the significance of active methodologies within the context of autism, the paper underscores their pivotal role in creating an inclusive and transformative educational environment. The research delves into the intricate challenges of educating children with Autism Spectrum Disorder (ASD), asserting that surmounting these challenges is equally crucial to the impartation of subject-specific knowledge. Active methodologies emerge as catalysts for student benefit, facilitating an engaging and adaptive learning process that ultimately empowers students with ASD and nurtures their autonomy. The study concludes by highlighting the indispensable nature of sustained commitment from educators, collaborative efforts with professionals, and a profound understanding of individual needs to establish a genuinely inclusive educational landscape.

Keywords: Autism Spectrum Disorder, Active Methodologies, Inclusive Education.

1. Introdução

Dada a relevância do tema inclusão durante o processo de aprendizagem, surge o questionamento quanto aos modelos educacionais existentes atualmente e como as escolas estão se preocupando em acolher e ensinar esses alunos.

Entendemos que como o processo de aprendizagem é único para cada indivíduo e cada um aprende o que é mais relevante e o que faz mais sentido para si, gerando conexões cognitivas e emocionais, questionamos se as metodologias ativas poderiam potencializar o desenvolvimento e a aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e quais benefícios essas metodologias poderiam produzir para esses alunos.

Baseado nessas questões, surge a ideia de investigar se as metodologias ativas têm de fato como permitir ao aluno dos anos iniciais (educação infantil e fundamental I) que as suas habilidades e competências sejam desenvolvidas integralmente já que estudos mostram que crianças com TEA aprendem de forma mais efetiva quando a metodologia de ensino reforça seus gostos e habilidades, despertando interesse e desenvolvimento sua independência e protagonismo.

O conteúdo desenvolvido foi construído a partir de levantamento bibliográfico sobre os temas: Metodologias ativas, Transtorno do espectro autista (TEA), e relação entre metodologias ativas e TEA. A pesquisa foi realizada nos bancos de dados: Teses e

dissertações Capes, Google Acadêmico, SciELO e Biblioteca Mackenzie. Com o intuito de enriquecer o projeto, realizou-se uma entrevista com especialista em TEA da Instituição Lugar de Vida.

Além disso, também gostaríamos de propor ao professor uma reflexão sobre a sua prática em sala de aula e uma reformulação dos métodos já utilizados com o intuito de atender as especificidades dos alunos no contexto da sala de aula.

2. O que são Metodologias Ativas?

Entre as competências necessárias para o desenvolvimento, destacam-se a autonomia intelectual, a habilidade de aprender a aprender e o pensamento crítico. A aprendizagem só pode ser efetivamente alcançada quando o aprendiz é responsável pela construção do seu próprio conhecimento, ativamente envolvido no processo e não aguardando passivamente as orientações (MOTA; WERNER DA ROSA, 2018).

De acordo com o psicólogo John Flavell (1976, 1979), na esfera da formação educativa, a metacognição surge como uma estratégia de aprendizagem. Para alcançar a autonomia na aprendizagem, é essencial que o estudante tenha conhecimento de si próprio, tornando-se assim responsável pelo processo de aprendizagem, regulando e monitorando o seu conhecimento (apud MOTA, 2018, p. 4). Ademais, estudos nas áreas da neurociência e da psicologia da educação demonstram que a construção do conhecimento, a maneira como a memória de longo prazo retém as informações e como as utiliza para apreender os fenômenos e resolver processos são favorecidos pela maneira como essas informações são exibidas ao cérebro, ou seja, como são ensinadas. Sendo assim, ao utilizar as metodologias ativas, a escola estaria propiciando a formação das habilidades de investigação, reflexão e autonomia na busca por conhecimento, assim como pensamento crítico e aptidão para resolução de problemas (TAVARES, 2018).

O surgimento da metodologia ativa ocorreu no início da década de 1980 como uma resposta às necessidades de desenvolvimento de habilidades e autonomia do aluno durante o processo de aprendizagem. A ênfase recai sobre o aluno ser proativo e participante ativo em todo o processo (MOTA; WERNER DA ROSA, 2018). Suhr (2016, p. 8) define que “as metodologias ativas são um conjunto de propostas diversas que têm em comum o fato de se contraporem à metodologia expositiva, considerada responsável pela postura passiva e heterônoma do aluno”.

As metodologias ativas ampliam as possibilidades de transformar aulas em experiências de aprendizagem mais vivas e significativas para os estudantes. O processo de aprendizagem é único e diferente para cada indivíduo, e cada pessoa aprende o que é mais relevante e o que faz sentido para si, o que gera conexões cognitivas e emocionais. Tais metodologias enfatizam o papel protagonista do aluno, o seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas; a aprendizagem híbrida destaca a flexibilidade, a mistura e compartilhamento de espaços, tempos, atividades, materiais, técnicas e tecnologias que compõem esse processo ativo (BACICH; MORAN, 2018).

Para Garofalo (2018, p. 3), são diversos os benefícios do uso das metodologias ativas em sala de aula: “o principal é a transformação na forma de conceber o aprendizado, ao proporcionar que o aluno pense de maneira diferente (já ouviu falar em fora da caixa?) e resolver problemas conectando ideias que, em princípio, parecem desconectadas”.

Importante ressaltar, que não somente a atuação do aluno foi repensada, mas também o papel do professor passou por algumas mudanças. O educador deixou de ser alguém que apenas transmite informações para se tornar um facilitador, promovendo um ambiente propício ao desenvolvimento individual de cada estudante (MOTA; WERNER DA ROSA, 2018). O professor neste contexto precisa conhecer seus alunos para criar um ambiente de confiança, que promova debates, desenvolva a criatividade e gere reflexão (VICKERY, 2016).

O educador desempenha um papel fundamental ao trazer leveza para o processo de aprendizagem, reconhecendo que é natural cometer erros. Com a utilização das metodologias ativas, os alunos são incentivados a expor com maior frequência seus conhecimentos prévios e a organizar seus pensamentos. Uma estratégia central das metodologias ativas é permitir que o aluno seja o construtor de seu próprio processo de aprendizagem, levando a um maior compartilhamento do que sabem e facilitando diálogos construtivos entre os pares.

O ensino se torna personalizado, focado na individualidade e características de cada aluno. O educador e a escola vão ao encontro das necessidades e interesses dos estudantes e os ajudam a desenvolver suas capacidades, motivando-os e engajando-os em projetos significativos, na construção de conhecimentos mais profundos e no desenvolvimento de competências mais amplas. Os professores precisam compreender quais são as motivações de cada estudante, o que os move a aprender, os percursos, técnicas e tecnologias mais adequados para cada situação. Há diferentes maneiras e modelos de personalização por exemplo: planejar atividades diversas para que os alunos possam aprender de várias formas

(rotação por estações, por exemplo); ainda é possível desenvolver um roteiro para todos os alunos e permitir que eles o realizem em seu ritmo (BACICH; MORAN, 2018).

A aprendizagem necessita de um significado, algo que torne o ato de aprender interessante para aluno e professor e, ao tratar de aprendizagem significativa, o aluno passa a ser protagonista do seu aprendizado. É um conceito que une formas de ensino antigas e novas para obter melhores resultados (LEITE, 2022, p. 19).

Segundo Leite (2022), não existe uma fórmula pronta quando se trata de metodologias ativas, mas sim atividades que tragam inovação à jornada de aprendizado e contribuam para o desenvolvimento da criança.

Berbel (2011) destaca que as metodologias ativas estimulam a curiosidade, permitindo que o educador utilize recursos para introduzir elementos novos e promover o engajamento dos alunos. Algumas possibilidades propostas são:

- Estudo de caso: os alunos aplicam o conhecimento adquirido no momento em casos reais, estabelecendo uma conexão entre o conteúdo estudado e sua aplicação prática.
- Métodos de projetos: por meio de pesquisas e extensões do conteúdo, os alunos podem aprofundar o conhecimento e estabelecer conexões com a vida real.
- Aprendizagem baseada em problemas (PBL): uma técnica que se fundamenta na resolução de problemas.

Bacich e Moran (2018) descrevem algumas técnicas para aprendizagem ativa. Segundo os autores, o uso diversificado dessas técnicas deve ser equilibrado e adaptado para cada realidade e de acordo com os resultados desejados. Entre as técnicas pode-se citar: aula invertida - em que o aluno pesquisa sobre determinado assunto antes da aula que será dada pelo professor, há diferentes formas de executar essa pesquisa; aprendizagem baseada na investigação (ABIn) - os estudantes, sob orientação dos educadores, desenvolvem a habilidade de levantar questões e problemas e buscam interpretações e soluções plausíveis e coerentes, de forma individual ou em grupo através de métodos indutivos e dedutivos; e aprendizagem por histórias e jogos.

Quando o educador se compromete em disponibilizar esses recursos para promover a autonomia do aluno, isso tem um significado além do âmbito pedagógico, sendo também um ato político em relação aos colegas de profissão e à sociedade em geral (BERBEL, 2011).

Para Marin (2010) é crucial compreender tanto as fortalezas quanto as fraquezas das metodologias ativas. Uma reflexão crítica e prática é necessária para avaliar os avanços, as dificuldades e as possibilidades envolvidas. De acordo com os estudantes participantes da pesquisa realizada pela autora, uma fraqueza percebida no processo é a ruptura significativa em relação ao método tradicional, o que pode fazer com que alguns alunos se sintam perdidos, uma vez que lhes falta um guia claro. No entanto, é importante ressaltar que a metodologia ativa não se trata apenas de uma abordagem diferente de estudo, mas sim de um processo que promove a responsabilidade do aluno na construção do seu próprio conhecimento.

A utilização da metodologia ativa demanda dos alunos maior maturidade, organização e confiança. No entanto, um ponto de fragilidade nesse processo é a profundidade do conteúdo. Quando é responsabilidade do próprio aluno buscar o conhecimento, ele acaba sendo o responsável por determinar o nível de profundidade desejado. Entretanto, muitas vezes, o aluno não possui uma referência qualitativa clara para guiar suas escolhas.

3. O que é o Transtorno do Espectro Autista?

O termo “autismo” foi utilizado pela primeira vez por Bleuler em 1911, ao se referir a perda do contato com a realidade, o que ocasionava dificuldade ou impossibilidade de comunicação (GADIA et al., 2004). A primeira publicação sobre o tema foi realizada por Leo Kanner (1943) que descreveu relatos sistemáticos de onze casos que acompanhava e das suas suposições teóricas para essa síndrome até então desconhecida.

Nos Estados Unidos o CDC (Centro de Controle de Doenças) realizou um estudo em 11 estados norte-americanos e estimou que 1 em cada 44 crianças aos 8 anos de idade é diagnosticada com TEA (MAENNER, et al., 2021). Extrapolando a prevalência encontrada nos EUA (2,3% da população) o Brasil teria cerca de 4,84 milhões de autistas (PAIVA JUNIOR, 2021). Outro estudo realizado no Brasil indica uma prevalência de 0,3% em crianças em idade escolar (PAULA et al., 2011).

Atualmente, autismo é classificado como Transtorno do Espectro Autista (TEA) pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) da Associação Americana de Psiquiatria, endossando a heterogeneidade dos casos, principalmente em relação às habilidades verbais e ao nível linguístico e comportamental (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION [APA], 2013). Caracterizado como um distúrbio de desenvolvimento complexo, é compreendido por um ponto de vista comportamental, com etiologias múltiplas e diferentes graus de severidade (GADIA, et al., 2004). De acordo com a CID-11, o TEA pode

ser classificado das seguintes formas: Nível 1 de suporte – pouco apoio: TEA sem Deficiência Intelectual (DI) e com leve ou nenhum prejuízo de linguagem funcional ou TEA com DI e com leve ou nenhum prejuízo de linguagem funcional; Nível 2 de suporte – apoio substancial; e Nível 3 de suporte – apoio muito substancial (MARTINS DA COSTA, 2023).

Entre as manifestações comportamentais presentes no autismo, pode-se citar: déficits qualitativos na interação social e na comunicação, padrões de comportamento repetitivos e estereotipados e um repertório restrito de interesses e atividades. Observa-se isolamento ou comportamento social impróprio; pobre contato visual; dificuldade em participar de atividades em grupo; indiferença afetiva ou demonstrações inapropriadas de afeto; falta de empatia social ou emocional (GADIA et al., 2004).

Os comprometimentos comportamentais são observados antes dos três anos de idade, quando os responsáveis percebem e preocupam-se com as limitações da criança, que vão sendo cada vez mais perceptíveis ao longo do desenvolvimento (CAMARGO; BOSA, 2009). As dificuldades na comunicação se manifestam em graus variados, tanto na habilidade verbal quanto na não-verbal. Algumas crianças podem não desenvolver habilidades de comunicação e enquanto outras apresentam uma linguagem imatura, caracterizada por jargão, ecolalia, reversões de pronome, prosódia anormal, entonação monótona etc. Os que possuem capacidade expressiva adequada podem ter inabilidade em iniciar ou manter uma conversa comum, por exemplo, falta de reciprocidade, dificuldades em compreender sutilezas de linguagem, piadas ou sarcasmo, bem como problemas para interpretar linguagem corporal e expressões faciais. Outras características comuns são: resistência a mudanças, insistência em determinadas rotinas, apego excessivo a objetos e fascínio com o movimento (rodas ou hélices). Algumas crianças também podem apresentar hiperatividade, desatenção, agressividade e comportamentos automutilantes (GADIA et al., 2004).

O diagnóstico ocorre a partir de observações clínicas, através da identificação dos sinais comportamentais. Importante ressaltar que a precocidade do diagnóstico é fundamental para melhora do prognóstico. Os sintomas ou sinais não são os mesmos ao longo da vida da criança; é possível que em diferentes fases do desenvolvimento eles estejam mais ou menos atuantes no funcionamento – o que pode distinguir, inclusive, as variações dentro do TEA. Essas variações podem ocorrer devido à presença ou ausência de estimulações e intervenções específicas realizadas no momento do diagnóstico (TOMAZELLI et al., 2023)

Diferentemente do que se acredita popularmente, as crianças atípicas não possuem necessariamente uma inteligência superior, cerca de 65 a 90% dos casos estão associados à

deficiência intelectual (CAMARGO; BOSA, 2009). Crianças com TEA de alto funcionamento (perfil cognitivo diferenciado em algumas das áreas de testes padronizados) representam apenas 30% dos casos diagnosticados. Também é importante destacar, que a ausência de respostas das crianças atípicas pode ocorrer, muitas vezes, pela não compreensão do que está sendo exigido dela, ao invés de uma atitude de isolamento e recusa proposital. Nesse sentido, não é correto afirmar que a criança é alheia ao que acontece ao seu redor, pois leva a redução de esforços para investir na sua potencialidade de interagir (BOSA, 2002).

De acordo com American Psychiatric Association (2022), por se tratar de um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta em algumas áreas como a comunicação, a interação social e o comportamento durante o processo de aprendizagem, as pessoas com TEA podem apresentar uma série de dificuldades, e suas variações vão de leves a graves.

Algumas das dificuldades de aprendizado mais comuns que pessoas com TEA podem apresentar de acordo com a American Psychiatric Association (2022) são:

- Dificuldades de comunicação e interação social: dificuldade em entender e responder às emoções dos outros, bem como em iniciar e manter conversas.
- Dificuldades de processamento sensorial: hiper ou hipo sensibilidade a estímulos sensoriais, como luz, som, toque, cheiro e gosto.
- Dificuldades de atenção: dificuldade em manter a atenção em tarefas ou atividades.
- Dificuldades de processamento visual e auditivo: dificuldade em processar informações visuais e auditivas.
- Dificuldades de memória: dificuldade em lembrar informações.
- Dificuldades de raciocínio e resolução de problemas: dificuldade em resolver problemas e pensar de forma abstrata.

É possível que o educador perceba o impacto dessas dificuldades ao notar que:

- A criança apresenta resistência ao ambiente.
- O foco da criança está prejudicado.
- A criança apresenta outras características relacionadas às dificuldades de aprendizado apresentadas.

A educação é um direito básico de todos os cidadãos, independente de suas características individuais, incluindo pessoas com o TEA. Há leis federais que garantem o acesso de autistas à educação, em instituições públicas ou privadas, desde o ensino básico até o superior, garantindo um ambiente mais justo e inclusivo.

Lei Berenice Piana – Lei Federal nº 12.764: instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e passou a classificar os autistas como pessoas com deficiência, garantindo assim ainda mais direitos (BRASIL, 2012).

Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – Lei Federal nº 13.146: tem como objetivo “assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (Art. 1º). O capítulo IV trata especificamente sobre os direitos relacionados à educação (BRASIL, 2015)

Lei Romeo Mion – Lei Federal nº 13.977: instituiu a criação da Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea) para “garantir atenção integral, pronto atendimento e prioridade no atendimento e no acesso aos serviços públicos e privados, em especial nas áreas de saúde, educação e assistência social” (Art. 3º) (BRASIL, 2020).

Camargo e Bosa (2009) discorre sobre a importância de criar oportunidades de convivência para crianças atípicas com outras crianças típicas da mesma faixa etária, o que impede o isolamento contínuo e estimula as suas capacidades interativas. Além disso, sabe-se que as habilidades sociais podem ser adquiridas pelas trocas que ocorrem no processo de aprendizagem social. Desta forma, compreende-se que as crianças com desenvolvimento típico propiciam, entre outros aspectos, modelos de interação para crianças com TEA.

A inclusão das crianças no ensino comum oferece oportunidades de contatos sociais, auxiliando no desenvolvimento dos alunos com autismo (CAMARGO; BOSA, 2009). As escolas, por sua vez, precisam considerar e se adaptar à diversidade desses alunos, apresentando ações individualizadas que favoreçam o seu desenvolvimento como um todo.

4. Metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem do aluno com TEA

A situação para estudantes com deficiência ou com alguma necessidade educacional específica torna-se ainda mais crítica porque muitas vezes estes sujeitos são submetidos a situações que não consideram suas demandas e garantias defendidas nos dispositivos legais, aumentando o abismo social que os impossibilita de interagir com o mundo (CANDIDO, 2018).

Devido as suas dificuldades, como socialização, organização e distração, as crianças autistas não se adaptam facilmente em espaços educacionais. Soma-se a isso, a insuficiência de qualificação profissional para o correto diagnóstico e acolhimento à criança com TEA,

desta forma, as instituições de ensino sofrem ao receberem esses alunos. Há diferentes pontos que precisam ser revistos para a aprendizagem: definição de objetivos educacionais e avaliação, intervenção na área de comunicação e interação, intervenção na área cognitiva e nos problemas de comportamento (FERREIRA; FRANÇA, 2017).

De acordo com Giaconi e Rodrigues (2014), colocar o sujeito autista em condições de desadaptação é motivo de sofrimento. Por suas características cognitivas, principalmente os processos executivos de percepção, compreensão, controle emocional, comunicação, entre outros, e pelo efeito dos seus distúrbios nos processos sequenciais e nas sinestésias, pela fragilidade emocional e relacional que o distingue, o aluno autista necessita de um processo progressivo de inclusão na escola, precedido por ações conscientes e miradas na adaptação.

Dentre as diversas estratégias utilizadas para motivar o sujeito com TEA a se manter em sala de aula, pode-se citar: privilegiar vínculos afetivos; utilizar linguagem objetiva; propor pequenas tarefas; incentivar sempre; propor atividades que estimulem o pensamento lógico; adaptar o currículo, as metodologias e o processo avaliativo; utilizar jogos; explorar o cotidiano; utilizar abordagens sensoriais (visual, auditivo, cinestésico); propor atividades baseadas no interesse do aluno; utilizar o concreto e o lúdico (OLIVEIRA et al., 2021).

O papel do professor é compreender as particularidades de cada aluno e utilizar práticas pedagógicas variadas, explicar de diferentes maneiras uma mesma situação, motivar, mediar e interagir até alcançar o resultado desejado. A expectativa escolar para a criança com autismo, é que ela avance nas diferentes linguagens e na simbolização para que adquira conhecimento e se torne independente (BARBERINI, 2016).

Importante ressaltar que há diferentes níveis no TEA, suas características podem variar e por conseguinte o processo de aprendizagem, então há a necessidade de adequação da prática pedagógica para esta criança. Por exemplo, os autistas do nível 1 falam muito bem, até sem erros, porém apresentam dificuldade na utilização da linguagem para se relacionar socialmente (FERREIRA; FRANÇA, 2017).

Na educação inclusiva há uma infinidade de possibilidades, de recursos simples e de baixo custo, que podem e devem ser disponibilizados nas salas de aulas inclusivas. Na educação de autistas, estes recursos influenciam positivamente na aprendizagem e desenvolvimento do aluno. Dentre estes, estão desde os construídos de formas artesanais até os mais sofisticados, como, tablets, I pads, softwares, aplicativos e os auxílios externos amplamente utilizados na área da Comunicação Alternativa. Agendas, calendários, listas, roteiros de estudos ou tabelas, também podem ajudar na organização temporal e espacial, no

planejamento e antecipação de ações. Já os jogos, principalmente os de caráter lúdico-cooperativo, são importantes à medida que promovem o desenvolvimento cognitivo, emocional e social do autista, proporcionando aquisições nas habilidades sociais (BENINI; CASTANHA, 2016).

Segundo Oliveira, et al. (2021), as estratégias de ensino para alunos autistas mais significativas para a área da educação têm por base as teorias de análise do comportamento. O ABA (Applied Behavior Analysis), que se trata de uma filosofia, é frequentemente utilizada no trabalho com crianças autistas. Outros métodos que se pode citar são: Prompt: consiste em auxiliar o aluno autista para obter o comportamento adequado e desejado, através da utilização de imagens que facilite o processo; Ensino/Treino por Tentativas Discretas - Esse método tem como objetivo simplificar tarefas complexas através de sequências simples e ensinar cada parte da tarefa de forma seriada, utilizando reforços positivos, contínuos ou intermitentes, até a aquisição do aprendizado completo e independência do aluno para o uso do aprendizado em questão; e Métodos de comunicação alternativa e ampliada (CAA) - conjunto de métodos e técnicas que possibilitam a comunicação a indivíduos sem ou com pouca fala funcional, por exemplo o Picture Exchange Communication System (Pecs).

Para que a inclusão da criança com TEA ocorra é necessário adaptar métodos e técnicas. “Um planejamento sistematizado em que as brincadeiras e jogos sejam aplicados constantemente ajudando os alunos autistas a reconhecerem o mundo ao seu redor e que favoreçam a interação entre os pares” (MENDES, 2015, p. 44). Nesse ponto fundamental, as metodologias ativas tendem a contribuir substancialmente para a formação da criança autista.

As metodologias diferenciadas, como as metodologias ativas, motivam o aluno a pensar e a solucionar problemas a sua maneira, de forma criativa e inovadora, possibilitando ao autista “sair do seu mundo de isolamento” e mostrar aos demais o que e como pensa. Desta forma, é importante proporcionar ao estudante com TEA situações-problemas, para que ele seja instigado a encontrar soluções, caminhos, possibilidades e motivado a demonstrar a sua maneira de pensar. Além disso, uma das características das pessoas com TEA é não desejar permanecer em um mesmo local. A utilização dessas metodologias auxilia na aprendizagem, pois não limita o aluno ao espaço e aos formatos tradicionais, permite, por exemplo, que ele ande pelo ambiente, enquanto pensa, pode escrever ou ter todo o trabalho em mente e podendo explicar aos demais no seu ritmo (STAUDT DIAS, 2019).

Camargo (2020) aponta que uma das maiores dificuldades na inclusão de autistas está relacionada à maneira como esses indivíduos são inseridos no contexto, bem como ao fato de

que esse contexto vai além de sua percepção de realidade. Um professor que compreende o uso das metodologias ativas incentiva a integração e participação dos autistas. Através de atividades investigativas ou do desenvolvimento de soluções, ele auxilia o indivíduo a resolver o problema, ao mesmo tempo em que promove a autonomia e cria pontes para a comunicação com seus colegas.

Segundo Marques (2023), a utilização de metodologias ativas pode ser benéfica durante o processo de desenvolvimento dos adolescentes autistas, pois sua utilização permite que este processo de aprendizado seja mais envolvente e se adapte às necessidades dos alunos. Ao utilizar a metodologia ativa, permite-se que o aluno tenha uma maior autonomia e seja ativo no processo de desenvolvimento. Essa abordagem pode ser um recurso útil para auxiliar na promoção da autonomia, que é frequentemente um desafio para muitos autistas devido às suas limitações.

O Método das Boquinhos possui uma estratégia de alfabetização baseada no ensino estruturado, voltada para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Leon *et al.* (2023) se referem ao método Boquinhos como um enfoque multissensorial que pode ser utilizado com crianças que apresentam transtornos de aprendizagem ou neurodesenvolvimento. No caso do TEA, a criança necessita de maior organização visual; o Método Boquinhos, facilita a compreensão e a adesão ao desenvolvimento da alfabetização.

De acordo com Leon *et al.* (2023), o método Boquinhos é dividido em três etapas:

1. Etapa de associação som-boca: Nessa etapa, a criança aprende a associar o som da letra à sua articulação e com imagens demonstrando o formato da boca. O professor apresenta a letra e a criança imita a articulação do som.
2. Etapa de associação som-boca-letra: Nessa etapa, a criança aprende a associar o som da letra à sua grafia. Para isso, o professor apresenta a letra e a criança associa o som à sua forma.
3. Etapa de leitura e escrita: Nessa etapa, a criança aprende a ler e a escrever palavras e frases.

Sendo assim, a aprendizagem por meio de metodologias ativas permite e impulsiona o aluno a pensar de uma maneira única, de forma criativa e inovadora, permitindo ao autista a possibilidade de ultrapassar sua vivência (muitas vezes sem tanta interação social) mostrando sua forma de aprender, compartilhar e interagir, fugindo do senso comum. Além disso, o uso de metodologias ativas permite moldar o ensino de uma forma atrativa e interessante para o autista, fazendo com que ele seja estimulado a trabalhar suas habilidades. Ainda mais porque

essa metodologia pode ser utilizada ao mesmo tempo com todos os alunos, independente de suas dificuldades e desafios.

Com isso, quando o professor pensar em metodologias ativas é fundamental que ele esteja preparado para exercer sua função de orientador e mediador no processo educativo. Quando ele adapta essas novas metodologias para alunos com TEA é importante lembrar que esses alunos possuem uma habilidosa capacidade de percepção dos detalhes, que superam algumas vezes a percepção de outras crianças típicas.

Portanto, é fundamental que o professor, por meio das metodologias ativas, incentive em sala de aula a participação dos alunos autistas, por exemplo, em situações que envolvem investigação ou elaboração de soluções para problemas, pois muitos não terão dificuldades em perceber detalhes e buscar informações sobre os casos apresentados. Atividades desse tipo podem melhorar a capacidade de comunicação dos autistas, ao mesmo tempo que estimulam sua autonomia para trocar e compartilhar informações com os demais colegas. O professor precisa ficar bem atento a esse processo, pois como algumas novas metodologias colocam o estudante como protagonista do seu aprendizado, o autista poderia nesse caso se sentir desmotivado ou até excluído, acarretando consequências para o seu processo de formação educacional e social.

5. O ensino de alunos com TEA na prática: entrevista com especialista

Para enriquecer a fundamentação desta revisão bibliográfica, conduzimos uma entrevista esclarecedora com um especialista do Lugar de Vida - Centro de Educação Terapêutica. O entrevistado, Fábio Widman, é um renomado Psicólogo formado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP/2010), com vasta experiência como psicanalista e passagem significativa como acompanhante escolar em diversas instituições educacionais. Além disso, sua atuação como acompanhante terapêutico de adolescentes reforça sua expertise, consolidando-o como membro valioso da equipe clínica do Lugar de Vida.

A escolha de entrevistar um profissional vinculado ao Lugar de Vida foi motivada pela notável relevância das informações fornecidas por especialistas em saúde que desempenham um papel integrado na vida de crianças com TEA. Este centro oferece um ambiente propício à troca de conhecimentos, abrindo suas portas para escolas e profissionais interessados em compartilhar experiências e práticas.

Para a realização da entrevista, o grupo entrou em contato com o Lugar de Vida, destacando as necessidades específicas de entrevistar um profissional capaz de enriquecer a pesquisa sobre as temáticas de metodologias ativas e TEA. Fábio foi indicado para essa finalidade, e o processo foi agendado por meio de uma reunião online.

As questões elaboradas para a entrevista tiveram como foco a utilização das metodologias ativas como uma ferramenta potente para a aprendizagem de crianças com TEA. Procurou-se compreender sobre o preparo dos educadores para atender o público autista, o uso de metodologias ativas na prática, além de conhecer casos de sucesso.

Ao iniciar a entrevista, Widman apresentou o cenário desafiador da implementação de metodologias ativas para crianças com TEA, pois a escola se depara com obstáculos específicos que exigem soluções inovadoras. Sob o seu ponto de vista, uma das principais dificuldades é a falta de roteiros padronizados, o que resulta na necessidade de reinventar abordagens a cada novo ano letivo. Este ciclo de recriação constante cria uma camada adicional de complexidade ao desafio de proporcionar uma educação inclusiva e personalizada.

Outro ponto crucial abordado por Windman envolveu a preparação insuficiente dos professores do ensino fundamental para lidar com crianças autistas. Ao seu ver, é imperativo que os educadores desenvolvam uma sensibilidade aprimorada para atender às necessidades específicas dessas crianças. Além disso, a inclusão de crianças com TEA deve ser uma preocupação de toda a escola, incentivando a criação de eixos de aprendizado que identifiquem semelhanças entre as crianças. A triangulação, envolvendo alunos, outros alunos e professores, é essencial para promover a interação e o aprendizado colaborativo.

Em termos de recursos adicionais e apoio, Windman reconhece que o elemento humano é fundamental. Profissionais qualificados desempenham um papel crucial na educação das crianças com TEA. Em alguns casos, especialmente no primeiro ano do ensino médio, pode ser necessário fornecer suporte adicional para alunos que ainda não foram alfabetizados. Ao seu ver, é fundamental demonstrar interesse no rastreamento do progresso de todos os alunos, identificando suas potencialidades e adaptando as atividades de acordo com seus interesses específicos.

Quando se trata de avaliar o progresso e o desenvolvimento das crianças com TEA participando de metodologias ativas, Windman destaca a importância de uma abordagem mais humana. Ao contrário da avaliação tradicional baseada em métricas acadêmicas, sob seu ponto de vista o foco está na observação do envolvimento do aluno autista com seus colegas e

o sucesso é medido pela integração e pela capacidade da criança de se tornar um membro ativo e efetivo da sociedade.

Contudo, no meio desses desafios, Widman relata histórias inspiradoras que ilustram os benefícios tangíveis das metodologias ativas. Um exemplo por ele mencionado envolve um aluno com TEA e alta miopia. Enfrentando desafios adicionais, esse aluno teve a oportunidade de apresentar seu trabalho de conclusão na forma de um podcast, explorando seu interesse pessoal em geografia e a possibilidade de dinossauros ainda existirem. A escola não apenas aceitou essa abordagem alternativa, mas também encorajou o aluno a explorar seu tópico de interesse, destacando seu compromisso em adaptar as metodologias ativas para atender às necessidades individuais do aluno.

Após essa entrevista, entendemos que é preciso ter atenção aos alunos de inclusão conforme seu perfil individual, pois cada aluno tem uma resposta às metodologias e elas não podem ser iguais para todos. O aluno com transtorno do espectro autista (TEA) precisa de um acompanhamento com uma equipe multidisciplinar e esses profissionais precisam entender e respeitar sua individualidade, criando estratégias específicas para essa criança.

Finalmente, as histórias de sucesso não se limitam apenas aos alunos. Widman, ao encerrar a entrevista, enfatizou a importância dos encontros mensais abertos aos profissionais. Esses encontros proporcionam uma valiosa integração, permitindo que os profissionais compartilhem conhecimentos, impactando positivamente a sociedade como um todo. Essa abordagem colaborativa destaca a relevância da comunidade escolar na promoção do sucesso das metodologias ativas para crianças com TEA.

6. Considerações finais

O aumento dos diagnósticos de Transtorno do Espectro Autista impulsiona a necessidade de ações educacionais efetivas. Desta forma, a pesquisa surgiu com o interesse em compreender como trabalhar de maneira mais eficaz com alunos autistas, considerando as demandas do cotidiano e questionando a utilidade do uso de metodologias ativas para esses estudantes.

A realização do levantamento bibliográfico teve como objetivo compreender os materiais já produzidos pela academia, visando orientar os questionamentos iniciais. A entrevista foi conduzida para verificar se o referencial teórico levantado estava em consonância com a realidade.

O desdobramento deste trabalho ressalta pontos cruciais que demandam atenção e reflexão. Compreender as metodologias ativas no contexto do TEA é uma jornada desafiadora, mas também uma empreitada colaborativa que envolve profissionais e indivíduos dedicados ao progresso singular de cada aluno.

As metodologias ativas não são apenas ferramentas para a transmissão de conhecimento, mas sim instrumentos essenciais para que educadores possam trabalhar na potencialização de habilidades únicas de cada aluno. No entanto, ao lecionar para crianças autistas, é imperativo que os educadores compreendam que superar os desafios presentes no TEA muitas vezes é mais significativo do que o simples ensino de uma matéria. Isso abrange a facilitação do desenvolvimento da capacidade de socialização, autonomia e muito mais.

Para os profissionais interessados em incorporar metodologias ativas voltadas ao TEA em suas práticas pedagógicas, é crucial adquirir uma compreensão profunda e realizar estudos contínuos sobre o assunto. Além disso, é fundamental envolver-se em redes de apoio ao desenvolvimento infantil, engajando todas as pessoas conectadas à vida da criança. O ensino não deve ser visto como um evento isolado; é necessário estabelecer um histórico e uma continuidade para garantir o melhor desenvolvimento das potencialidades únicas de cada aluno.

A entrevista com Fábio Widman, do Lugar de Vida - Centro de Educação Terapêutica, trouxe uma dimensão prática e enriquecedora a essa pesquisa. Sua experiência como psicólogo e membro da equipe clínica da instituição destacou a importância de uma abordagem integrada e sensível ao lidar com crianças autistas. As histórias de sucesso compartilhadas, ilustram vividamente como as metodologias ativas, quando adaptadas com cuidado, podem gerar impactos positivos tangíveis na vida das crianças.

Assim, é considerado que o sucesso na implementação de metodologias ativas para crianças com TEA não reside apenas na transmissão de conhecimento acadêmico, mas na capacidade de nutrir habilidades sociais, emocionais e cognitivas de forma holística. O comprometimento constante dos educadores, aliado à colaboração com profissionais e à compreensão profunda das necessidades individuais, é essencial para criar um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo e transformador.

7. Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. 5th Ed. Arlington: American Psychiatric Publishing, 2013.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais** (5ª ed.). Artmed, 2022

BACICH, Lilian.; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BARBERINI, Karize Younes. A escolarização do autista no ensino regular e as práticas pedagógicas. Universidade Presbiteriana Mackenzie. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v.16, n.1, p. 46-55, 2016.

BENINI, Wiviane; CASTANHA, André Paulo. **A inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista na escola comum: desafios e possibilidades**. In: Os desafios das escolas públicas paranaenses na perspectiva do professor PDE. Paraná, Governo do Estado do Paraná, Secretaria da Educação, 2016.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 31-32, jan./jun. 2011.

BOSA, Cleonice. **Autismo: atuais interpretações para antigas observações**. In: BAPTISTA, Cláudio Roberto; BOSA, Cleonice. **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 21-39.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. DF: **Diário Oficial da União**, 2012.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, 2015.

BRASIL. Lei nº 13.977, de 8 de janeiro de 2020. Instituição da Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 2020.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 65–74, jan. 2009.

CAMARGO, Leonardo Nunes; CAMARGO, Suély Cristina de Lima da Silva. A inclusão escolar do autista por meio das metodologias ativas. **Caderno Intersaberes**, v. 9 n. 18, 2020.

CANDIDO, Flávia Ramos; SOUZA, Amaralina Miranda de. Tecnologias assistidas e inclusão escolar: o uso do software GRID 2 no atendimento educacional especializado a estudante com autismo em uma escola pública do Distrito Federal. **Revista Diálogo Educacional**, v. 18, n. 58, set. 2018.

FERREIRA, Mônica Misleide Matias; FRANÇA, Aurenia Pereira de. O Autismo e as Dificuldades no Processo de Aprendizagem Escolar. **Rev. Mult. Psic.**, v. 11, n. 38, 2017.

GADIA, Carlos A.; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra. Autismo e doenças invasivas do desenvolvimento. *Jornal de Pediatria. Jornal de Pediatria*, v. 80, n. 2 (supl), p.S83 – S94, 2004.

GAROFALO, Débora. Como as metodologias ativas favorecem o aprendizado. **Plataforma digital: Nova escola**. 25 jun. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3vFonFX>. Acesso em: 29 maio 2023.

GIACONI, Catia; RODRIGUES, Maria Beatriz. Organização do espaço e do tempo na inclusão de sujeitos com autismo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 687-705, jul./set. 2014.

KANNER, Leo. Autistic disturbances of affective contact. **Nervous. Child.**, v. 2: p. 217-50, 1943.

LEITE, Jhyenyfer Cavalcante Beserra *et al.* **A importância das metodologias ativas na educação de pessoas com TEA: acessibilidade e inclusão no ensino superior**. In: **Autismo: Avanços e Desafios**. 1. ed. São Paulo: Editora Científica, v. 2., 2022. p. 10-27.

LEON, Viviane Costa de; BERNARDINO, Camille Moura Palma da Silva; GUIMARÃES, Viviani Pereira Amanajás. Adaptação da coleção Novo Alfabetização com Boquinhas® para crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 9, n. 7, p. 21905-21916, jul./2023.

MAENNER Matthew J *et al.* Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years: Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2018. **MMWR Surveill. Summ.**, v. 70, n. 11, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss7011a1>

MARIN, Maria José Sanches. Aspectos das fortalezas e fragilidades no uso das Metodologias Ativas de Aprendizagem. **Revista Brasileira de medicina**, v. 34, n. 1, p. 13 – 20, 2010

MARQUES, Isabela. Metodologias Ativas. **Blog Genial Care**. 4 abr. 2023. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/metodologias-ativas/>. Acesso em: 29 maio 2023.

MENDES, Sarah de Lima. **A importância da ludicidade no desenvolvimento de crianças autistas**. 2015. Monografia (Especialização em desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar). Universidade de Brasília. Brasília, DF, 2015.

MOTA, Ana Rita.; WERNER DA ROSA, Cleci Teresinha. Ensaio sobre metodologias ativas: reflexões e propostas. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 25, n. 2, p. 261-276, 28 maio 2018.

OLIVEIRA, Suely de Lemos Alves; TOMAZ, Edileuza Braz; SILVA, Robson José de Moura. Práticas educativas para alunos com TEA: entre dificuldades e possibilidades. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 3, 2021.

PAIVA JUNIOR, Francisco. EUA publica nova prevalência de autismo: 1 a cada 44 crianças, com dados do CDC. **Canal Autismo**. 2 dez. 2021. Disponível em:

<https://www.canalautismo.com.br/noticia/eua-publica-nova-prevalencia-de-autismo-1-a-cada-44-criancas-segundo-cdc/>. Acesso em: 30 out. 2022.

STAUDT DIAS, Emanuele. **Metodologias ativas de aprendizagem no ensino de alunos autistas**. Trabalho de Conclusão (Especialização em Tecnologias para Educação Profissional). Instituto Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2019.

SUHR, Inge Renate Frose. Desafios no uso da sala de aula invertida no ensino superior. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 4-21, jan./jun. 2016.

TAVARES, Priscilla de Albuquerque. Metodologias ativas: entenda como elas favorecem a aprendizagem. **Plataforma digital: Nova escola**. 27 jul. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2Slm3Xi>>. Acesso em: 29 maio 2023.

VICKERY, Anitra. **Aprendizagem ativa nos anos iniciais do ensino fundamental**. Porto Alegre: Penso, 2016.